

A MEMÓRIA DOS SOLDADOS NA LITERATURA DE CONFRONTO

MARCOS FÁBIO CAMPOS DA ROCHA
Universidade Federal Fluminense
rochamarcos@id.uff.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo examinar dois exemplos da literatura de confronto ou de resgate. Entende-se por estes termos toda a produção literária que surgiu, sobretudo na Alemanha e na Áustria, após o fim da Segunda Guerra Mundial e instaurou um longo questionamento motivado por alemães aos próprios alemães acerca das responsabilidades individuais durante o processo de ascensão do nacional-socialismo e sua vigência até a derrocada final do III Reich. Portanto, toma-se como matéria de ilustração duas obras produzidas por dois autores alemães da geração de 1920 e que serviram como soldados das forças armadas no conflito. Comum a ambos foi uma aversão profunda ao ambiente viciado de caserna, à violência dos treinamentos e o fato de terem sido gravemente feridos em batalha. Diferente entre eles é a natureza das confissões registradas em suas respectivas obras no que se refere à abordagem do tema do extermínio de civis durante os anos da ditadura hitlerista. Enquanto um deles é menos tímido diante dos números e relatos, o outro se mostra menos à vontade para o tratamento da questão, embora não se furte de todo ao debate.

PALAVRAS-CHAVE: nacional-socialismo, Literatura alemã do pós-guerra, Identidade alemã, memórias, Segunda Guerra Mundial, Wehrmacht.

THE MEMORY OF SOLDIERS IN THE CONFRONTATION LITERATURE

ABSTRACT

The paper aims to examine two examples of a literature genre in the limits of representation. It tries to cope with a chapter of German history that seemed unmasterable. The confrontation literature faces Hitler's willing executioners and the responsibilities of ordinary Germans in the genocide since the rise of Nazism up to denazification of post-war Germany. This partially unresolved past finds its roots in previous centuries during which Hitler's shadow was not yet over Germany. Two works will here serve as illustration for this kind of literature. Both were written by men from the 1920's generation and both served as soldiers of the German army during the Second World War and faced the Russian counter-attack during fetches in East Prussia and Austria. Besides, they have in common the hate against the spoiled ambience in the camps, the violence employed by the lower officials during the training and the fact of having been both earnestly wounded in the battlefield. The difference between them is the nature of their confessions. While the first one shows himself somewhat shy as to some themes of the past, the second one prefers a more straightforward way of report which brings his text near to the press' style.

KEYWORDS: Nazism, German post-war literature, German identity, memories, Second World War, Wehrmacht.

1. INTRODUÇÃO

Decorridos mais de setenta anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a opinião pública não cessa de se confrontar com a questão da vigência do nacional-socialismo na Alemanha de 1933 a 1945. Jubileus comemorativos são visados pela mídia que, através deles, traz ao mercado seus produtos. As bancas de jornal e as livrarias recebem inúmeras novas publicações acerca de acontecimentos novamente estudados sob uma perspectiva inédita ou mesmo sobre recentes descobertas de pesquisadores que se dedicaram ao estudo de certos vínculos, personagens ou instituições que antes ainda não haviam sido considerados, mas que revelam relações, experiências não raro traumáticas e também surpreendentes tanto para os estudiosos como para o público em geral.

A memória, que perfaz a cada cinco ou dez anos um ciclo de amadurecimento e de reflexões, se apresenta então sob variadas formas de publicação. Textos, filmes, debates e teatro voltam a levantar inquietações antigas ou abrem polêmicas acerca de pontos antes nebulosos ou sequer abordados, mostrando aspectos do tema da perseguição política, religiosa ou étnica que eram desconhecidos. No caso específico do nacional-socialismo, trata-se da elaboração e superação psicológica de um trauma que parece ter se estendido para muito além das gerações que diretamente o vivenciaram. Isto prova que tanto a ideologia da ultra-direita que vigorou na Alemanha por doze anos, como os horrores da guerra de inusitadas proporções ainda produzem farto material de revelações e de reflexão.

No âmbito da literatura, esse esforço tem-se mostrado também bastante profícuo. Ao longo das décadas da segunda metade do século XX, a literatura alemã que se caracterizou por ter como objetivo a encenação da angústia experimentada por diversos autores diante de circunstâncias particularmente ameaçadoras à integridade física e psicológica dos indivíduos será aqui chamada como *literatura de confronto* ou *literatura de resgate*, em alemão: *Literatur der Vergangenheitsbewältigung*. Por vezes, encontramos o termo *Shoah-Literatur* ou também *literatura de testemunho*.

O texto dos soldados se destaca dos demais porque é o que aborda com grande riqueza de detalhes a vida diária dos recrutas durante a fase de preparação no serviço de trabalho (*Arbeitsdienst*), a violência da caserna, as longas viagens para a cena das batalhas, a bravura das tropas durante os combates, a miséria dos soldados diante das pragas e epidemias que infestavam as trincheiras.

2. A LITERATURA COMO TRINCHEIRA E IDENTIDADE

Passamos agora à apreciação do resgate empreendido por Günter de Bruyn em *Zwischenbilanz—eine Jugend in Berlin*, de 1992. Nossos procedimentos obedecerão

a uma sistematização simples, isto é, após uma primeira seção de dados sobre o autor e um breve resumo dessa obra, segue-se o segmento de estudo voltado para uma abordagem do envolvimento dele com os significados de ordem histórica e moral dentro do período do nacional-socialismo na Alemanha.

2.1. O autor e sua obra

Günter de Bruyn nasceu em Berlim, em 1926, o filho caçula de quatro irmãos de um ex-soldado bávaro e de mãe prussiana de origem humilde. Esta “dupla” nacionalidade será significativa nos confrontos de seu caráter. Pelo lado do pai, a perseverança e até mesmo a identidade na fé católica; pelo lado da mãe, um sentimento de responsabilidade e de disciplina que de alguma forma lhe renderão bons serviços por toda a vida. Sempre perto dos livros, mesmo nos poucos intervalos que a guerra lhe proporcionava, De Bruyn trabalhou, após o fim do conflito, provisoriamente como professor primário em uma pequena vila da região do Brandenburgo e como bibliotecário em Berlim Oriental, onde voltou a morar, a partir de 1961. Desde então, profissionalizou-se como escritor e divide seu tempo entre a capital e a pequena Frankfurt—sobre-o-Oder, na fronteira com a Polônia (Reif 1992: 796). O autor já recebeu, entre outros, os prêmios literários “Heinrich Mann”, “Thomas Mann” e “Heinrich Böll”, além do Grande Prêmio de Literatura da Academia Bávara de Belas Artes. Sob o título *Vierzig Jahre* (Quarenta anos) foi publicada, em 1996, a segunda parte de sua autobiografia, que é a continuação do texto que logo estudaremos.

Seus títulos distribuem-se em diversos gêneros: o romance *Die Finckelsteins: eine Familie in Dienste Preussens*, de 1999; *Louise von Preussen; vom Entstehen und Vergehen einer Legende*, uma biografia de 2001; e *Unzeitgemäßen Betrachtungen über Vergangenheit und Gegenwart*, de 2001, uma coleção de ensaios (Dötsch et al. 2003: 87-88).

Nesta primeira parte da autobiografia de Günter de Bruyn, cuja apreciação ora empreendemos, percebemos sua origem modesta e acompanhamos o desenvolvimento do autor durante os tempos mais difíceis já vivenciados pela Alemanha em sua história, com exceção talvez da terrível Guerra dos Trinta Anos, na primeira metade do século XVII. Este “Balancete” ou “Balanço Preliminar”, como poderia se chamar a obra em português é, ao mesmo tempo, um romance de formação e um panorama de época, resultando, assim, em uma obra de vigor, absoluta clareza e discreto charme literário. Günter de Bruyn narra sobre sua juventude até o início dos anos cinquenta, um arco de vida que desponta em suas primeiras lembranças de infância, marcadas pela falência da República de Weimar, pelas frustrações afetivas, já sob as sombras das arbitrariedades do nazismo e por seu sofrimento durante a guerra como ajudante nas baterias antiaéreas. Seguimos o narrador em seus tempos de recruta, soldado e auxiliar de biblioteca até o pós-guerra em seu curto torpor de liberdade e esperança, logo interrompido pelas posturas autoritárias na

nascente RDA. O livro descreve a carreira de um alemão descrente que nunca se declarou favorável às ideologias totalitárias que durante tanto tempo regeram sua vida. No entanto, Günter de Bruyn jamais se reprovou por não ter sido um revolucionário que a todo volume se insurge contra o poder. Dividido entre uma emigração interna e suas obrigações como soldado daqueles anos de provação, ele procurou abrigo nas lembranças de família, nos amores efêmeros e unilaterais e, sobretudo, na literatura alemã e estrangeira, fosse ela liberada ou não pela implacável censura do III Reich. Poderemos ver que, ao contrário de outros autores como Siegfried Lenz em *Deutschstunde*, De Bruyn prefere relatar sua própria experiência com a ideologia e as armas do que produzir uma obra de ficção sobre a questão. Podemos também adiantar que, diferentemente de Christa Wolf em *Kindheitsmuster*, outro testemunho da literatura de resgate, o escritor berlinense limita propositalmente suas memórias “prometendo dizer com sinceridade tudo aquilo que [ele] diz, porém não prometendo tudo dizer” (De Bruyn 1992: 7). Um dos objetivos de nossa leitura será, portanto, averiguar por que De Bruyn preferiu calar-se sobre certos pontos e enfatizar outros.

2.2. Memórias afetivas de um homem-máquina

Se em *Deutschstunde* de Siegfried Lenz a tônica do confronto recai sob a resistência ao cumprimento incondicional do dever, e se em *Kindheitsmuster*, Christa Wolf incide sobre o autoritarismo e o silêncio, em *Zwischenbilanz* ela se caracteriza pelo reconhecimento e pela crítica da acomodação ou adaptação (*Anpassung*). Essa atitude que tão nitidamente marcou a família alemã tem como requisito um apolitismo longamente guardado que ainda não perdera terreno para as incipientes tentativas de instituição de um Estado mais democrático ensaiadas nos quatorze anos da República de Weimar. Além disso, o fato de Hitler ter chegado à chancelaria por vias suficientemente legais, reforçou o imobilismo fundamentado na obediência e, no caso do nacional-socialismo, respaldado pelos insistentes apelos de uma propaganda política inédita e ultra eficiente, capaz de seduzir tanto pelo esmero estético quanto pelas promessas de reconstrução e vingança. A propaganda, por certo, destinava-se a toda a população e estava devidamente aparelhada para conquistar, inclusive, as paixões dos corações femininos e infantis –e De Bruyn não foi exceção.

Quando contava doze anos ele se inscreveu na *Hitlerjugend*, entusiasmado pelas chances de viagens e excursões. Estas vantagens exerciam sobre ele grande fascínio, pois como o mais novo de quatro irmãos, era o único que tinha de ficar com os pais em casa enquanto seus três outros irmãos já há muito se aventuravam pelo país (De Bruyn 1992: 88). Este jovem De Bruyn já convivia em 1938 há cinco anos com o nacional-socialismo, mas até este ponto da narrativa, o autor não se detém com determinação sobre alguns episódios do período pré-guerra que tanto movimentaram a cena política e o cotidiano dos

alemães, talvez, por não terem afetado diretamente sua infância. A mãe do autor, Jenny, embora de uma natureza simplória, assina os papéis do caçula na Juventude Hitlerista de má-vontade. Tem-se então a impressão de que a ideologia e suas consequências, na prática, marcaram a vida do rapaz apenas como algo secundário, o que leva a crer que em suas famílias não havia predisposições notórias para uma adesão, apesar das origens prussianas de sua mãe, filha de um carteiro e fiel ex-súditas do *Kaiser*. O irmão mais velho de Günter, Wolfgang, pode também ter tido alguma influência sobre De Bruyn, uma vez que os planos de emancipação do primogênito previam seu engajamento na profissão de soldado. Após certo período como militante da discreta resistência da juventude católica, ele abdica de seus ideais humanistas e se alista voluntariamente na *Wehrmacht* (De Bruyn 1992: 125).

Toda a população se exercitava no conformismo e nos preparativos para a guerra, com a incorporação do hábito do *black-out* programado durante semanas a fio em Berlim já em 1937. As medidas de reforço e de ampliação dos porões das residências e prédios além do racionamento de víveres e carvão (De Bruyn 1992: 101-102) também fizeram parte do treinamento dos civis. Mesmo a frequência à escola foi diminuída e as crianças da Juventude Hitlerista já eram iniciadas nas rotinas e no vocabulário militares durante longas estadias de até seis meses nos acampamentos das *Kinderlandverschickungslager* (KLV).¹ Dentre as atividades ali desenvolvidas, contava-se doutrinação, exercícios, marchas e, até mesmo, a fabricação de móveis. As disposições de De Bruyn nesses meses era de total desânimo (De Bruyn 1992: 9). Suspeitamos que o autor tenha sido enviado para estes acampamentos devido aos escassos recursos de sua grande família, aliviada do sustento de mais um por certo tempo.

O diário de De Bruyn acusa um comportamento de adequação (De Bruyn 1992: 110) às regras e, ao mesmo tempo, de satisfação pelas tentativas de enfrentamento e indisciplina de seus colegas diante dos rígidos supervisores das colônias infantis (De Bruyn 1992: 111). Da parte do próprio narrador só se podia esperar uma muda resistência à qual ele não via como dar outra expressão (De Bruyn 1992: 134), o que significa divisão de espírito, estratégias de fingimento, mas também exposição a um inegável sofrimento. Sua família estava, no fundo, tão dividida quanto ele. Tratava-se de uma complexa hidrografia de divisões de temperamentos alemães, de religião e de hábitos sociais que desaguarão com todo o volume sobre o sensível garoto que foi De Bruyn. A neutralidade indiferente e apática do pai aliada à mentalidade prussiana e submissa de sua mãe amoldou a família para a resignação e o silêncio (De Bruyn 1992: 126). Mesmo quando houve uma ótima oportunidade de o irmão Karlheinz conseguir para o atormentado Günter uma dispensa médica permanente da *Hitlerjugend*, este não concorda e prefere prosseguir em seu calvário, “prisioneiro da própria coação” (De Bruyn 1992: 129). Esta

¹ Grandes colônias infantis afastadas da cidade.

internalização da ordem, da lei arbitrária tornada espontaneidade foi um dos melhores mecanismos da inconsciência doentia e dos efeitos do terror que se abateram sobre os alemães e que tão vantajosamente serviram ao III Reich. No caso de De Bruyn, a apatia atinge seu grau máximo com a chegada da carta de convocação (*Gestellungsbefehl*; De Bruyn 1992: 207), uma experiência de tal forma traumática que ele não consegue se lembrar nem de sua viagem nem de sua chegada ao quartel, tampouco do recebimento do uniforme. Nada permaneceu na memória salvo o desagradável cheiro de água sanitária no chão do dormitório e dos irritantes apitos dos estúpidos monitores perseguindo as tropas em extenuantes exercícios físicos. A fim de preservar o *ego* e não cair em desgraça, De Bruyn cumpria como um autômato as ordens recebidas, mas seu pouco caso não passava despercebido e, por isso, algumas dessas ordens não deixavam de representar também punições mal disfarçadas (De Bruyn 1992: 207) que ele, por sua vez, executava com o mesmo desinteresse demonstrado por qualquer tarefa.

Até mesmo ao tentar aproximar-se de uma moça cujo nome o escritor não revela e é apresentada ao leitor apenas por G., ele disfarça seus sentimentos e finge mais uma adaptação às circunstâncias que ele intimamente negava (De Bruyn 1992: 137) para não ferir suscetibilidades de terceiros e não se expor a suspeitas. Profundamente dividido entre um interior insondável e um exterior conformado, seu sofrimento só era compensado pelos livros em que mergulhava em seus dias de folga passados em um estranho e dolorido isolamento na biblioteca do apartamento de G. que, por sua vez, o ignorava de todo. No último inverno da guerra durante a viagem de trem rumo à cidade austríaca para onde fora transferida sua unidade, outra moça ofereceu a ele uma outra chance de abandonar o exército e seguiu-a floresta adentro e montanha acima. Em sua pequena fazenda, ele poderia permanecer escondido e esperar pelo fim da guerra que já se anunciava, mas um perverso sentimento de dever, aliado a uma total ausência de autonomia para a ação, levaram-no a deixar que a generosa camponesa desembarcasse sozinha. Incapaz de decisões ou rompimentos radicais, como aqueles efetuados por personagens de Andersch, Lenz e Harig que, no momento oportuno, deixaram tudo para trás, De Bruyn não se levanta de seu lugar e prossegue viagem no trem (De Bruyn 1992: 215). Até o momento do registro dessa passagem, ele dizia desconhecer o motivo que o impedira de acompanhá-la. Nem mesmo os estilhaços de granada que o atingiram na cabeça durante o combate travado contra os soviéticos na fronteira da Áustria com a Hungria parecem tê-lo feito arrependê-lo dessa (in)decisão que ele, no entanto, já havia conhecido antes, quando se recusara a abandonar a *Hitlerjugend* com atestado médico autêntico. Finda a guerra, esta apatia vai se perpetuar em nova clave, diante dos abusos e do oportunismo na região que se configurará a futura Alemanha Oriental. Ciente de todos os desmandos e arranjos políticos, mesmo nas pequenas oportunidades, De Bruyn prefere manter-se fiel à sua escolha sem explicar ao leitor as razões que o

moviam naquela direção (De Bruyn 1992: 362). Nem mesmo o reconhecimento de um vocabulário já a ele familiar que incluía um novo terror, um novo calar-se, denúncias, censuras, repressão, prisões e deportações o faz perder a confiança (De Bruyn 1992: 366-367) no projeto socialista, numa época em que ainda não era difícil transferir-se para o oeste. Terá isto sido algum tipo de penitência? Como professor emergencial de escola primária do interior, De Bruyn reinicia sua vida civil e logo se dá conta do novo processo de adequação que se desenvolvia diante de suas vistas, evidente até nos currículos escolares (De Bruyn 1992: 367), numa repetição daquilo que, poucos anos antes, ele já experimentara na escola sob a cruz gamada. De novo, manteve-se em silêncio numa atitude de indignação congelada. Como era de se esperar, De Bruyn vê-se, mais uma vez, isolado politicamente na vila onde ensinava, assim como não conseguirá integrar-se à *Nomenklatura* da biblioteca em Berlim. Fica a pergunta: por que não dar um basta a tudo isso e permitir-se nova chance no ocidente? Até que ponto De Bruyn de fato acreditava no *socialismo realmente existente*? Só encontramos parte da resposta na estranha segurança proporcionada por velhas práticas há muito conhecidas dos cidadãos da RDA, como a linguagem da autoridade e do poder, nada estranha a eles. Esta submissão levaria muitos alemães da RDA a tomar como calúnias as verdades sobre Stalin e a se portar como surdos-mudos diante das injustiças ou de cada mudança brusca no curso do governo. Para todos os efeitos, “as coisas iriam apenas melhorar” (*Bei jeder Kursänderung, es geht geradeaus*; De Bruyn 1992: 375). Vê-se, portanto, a razão pela qual Günter de Bruyn achou conveniente manter na gaveta os registros de sua juventude, os quais tiveram de aguardar a queda do Muro de Berlim e o fim da RDA para vir a público. Durante todos os quarenta anos, o escritor conformou-se, resignou-se com o estado de coisas que, se de um lado, lhe proporcionava vida tranquila, confortável e “normal”, por outro, exigia-lhe o silêncio que ele soube guardar, ao que tudo indica, sem maiores desconfortos (De Bruyn 1992: 377).

Acostumar-se às regras de boa convivência com o socialismo faz parte do direito político de cada um, permanecer em silêncio, compactuando com o lado negativo ou insuportável dessa existência torna a questão problemática. Em outras palavras, De Bruyn mantém o mesmo padrão de comportamento que fora obrigado a adotar nos quartéis e na mobilização para sobreviver física e psicologicamente. Assumiu-se como um idealista no melhor estilo dos súditos de Guilherme II. Nem mesmo a explosão do que restou do palácio Hohenzollern, ordenada por Walter Ulbricht, pareceu removê-lo de sua frieza de ânimo. A destruição definitiva do prédio se deu em 1950 (De Bruyn 1992: 377), respectivamente três e seis anos antes dos levantes de junho de 1953 em Berlim Oriental e de 1956, em Budapeste, ambos duramente reprimidos.

Passagens do livro dão a entender que toda essa resignação e conformismo refletem um apoio secreto, mas psicologicamente explicável, à vida difícil e sacrificada dos pais. Após a leitura dos diários de Carl de Bruyn,

pai do escritor, no período em que tivera de deixar a Alemanha e procurar trabalho na Ucrânia, o jovem Günter se dá conta de um quadro familiar no qual as expressões de carinho seguiam um estrito protocolo que não podia ser rompido (De Bruyn 1992: 14). Se, por um lado, esta carestia afetiva se equilibrava com ausência de violência familiar, por outro acabou por tornar toda a família conivente com as formas que Carl encontrava para compensar sua distância, suas longas ausências de casa e seus silêncios que se fundamentavam na leitura de livros, na religião católica (fator de identidade na luterana capital) e no hábito dos jogos em família nas tardes de domingo. Em suma, meros rituais domésticos que instilaram no menino De Bruyn uma atitude de aceitação da pobreza, mas também do silêncio conformado com a falta de intercâmbio emocional numa espécie de neutralização, de estado de suspensão da alma onde os sentimentos, os desejos e as frustrações ficam reprimidos em prol de um convívio familiar diplomático e estéril. *Ersatz* de uma tentativa real de aproximação e contato pela palavra que não pode ter lugar. As “discussões” se limitam às “diferenças” de visão de mundo dos bávaros e dos prussianos (De Bruyn 1992: 19). Uma oposição inócua que levava Carl de Bruyn a desconfiar de tudo que a política de Berlim decidia e se esquecer do autoritarismo disfarçado de bonomia na Baviera. Como leitor do centro, Carl não era exatamente um apolítico, e, vez por outra, comunicava aos outros suas inclinações federalistas, defendendo uma independência dos Estados alemães que propiciaria mais tolerância e melhor convívio entre eles, tese, aliás, sempre defendida por Günter Grass (Neuhaus 1997: 208). Nesta atmosfera de desacordos inóxios, os passos de Hitler são observados de longe. Alguns deles foram positivos, como a extensão da malha rodoviária e a criação de um Volkswagen, outros, negativos, como o rearmamento acelerado e secreto (De Bruyn 1992: 23). Todos eles visavam apenas ao desenvolvimento de condições para uma melhor preparação para a guerra e para a férrea vigilância sobre os indivíduos. Não surpreendentemente, De Bruyn reconhece, adulto, as manobras paralelas tomadas pelo governo de Hitler, com a iniciativa de oprimir, humilhar e desmantelar moralmente o estado de ânimo da população que, pouco a pouco, se vê mais frustrada e excluída. As sucessivas adesões nas classes menos favorecidas empurram para a beira do abismo os indecisos, pois “na problemática de toda resistência é sempre o inocente e mais fraco o alvo predileto, uma vez que os poderosos a quem seria dirigida a ira sequer são conhecidos” (De Bruyn 1992: 23). Uma lúcida conclusão baseada na pouca ou na má experiência política anterior dos alemães.

Os braços armados da repressão cumpriam eficientemente seu papel. As perigosas SA aterrorizavam os bairros operários (De Bruyn 1992: 54) e subjugavam os que pensavam diferentemente. Segundo o autor (De Bruyn 1992: 57), a estratégia conhecida pelo eufemismo de neutralização ou equiparação (*Gleichschaltung*) era, na verdade, violentíssima repressão que tudo proibia nas antigas associações que eram frequentadas pelos jovens e que

organizavam atividades como excursões, esportes, acampamentos, acompanhadas de bandeiras e símbolos. Cinicamente, as mesmas atividades, antes reprimidas, foram, de novo, liberadas sob a égide da *Hitlerjugend* ou Juventude Hitlerista (De Bruyn 1992: 58). E mesmo se essa sedução não se desse naturalmente, logo ela se tornaria obrigatória (De Bruyn 1992: 87). A princípio, De Bruyn sente-se arrebatado pelas perspectivas de recreio e de evasão, mas cedo se dá conta de que tudo não passava de adestramento prévio à vida de quartel (De Bruyn 1992: 90). Por não se adaptar, lhe impingiam tarefas na margem da dignidade (De Bruyn 1992: 91).

A “normalidade” do cotidiano na Alemanha só era afetada pelos avisos das sucessivas vitórias da *Wehrmacht* na fase inicial da guerra. O escritor reconhece (De Bruyn 1992: 101) que tudo fora muito bem preparado, de forma que a transição para o princípio das hostilidades não foi particularmente árduo. A vida na capital alemã só estaria sob risco a partir do início dos bombardeios (De Bruyn 1992: 108) em dezembro de 1941 pela Royal Air Force (Wykes 1973: 147). Como em um trem fantasma, os horrores começam a se suceder para De Bruyn: Uma antiga doença adquirida no exterior dá cabo de seu pai, Carl (De Bruyn 1992: 109). Ele nunca se recuperara completamente de uma séria intoxicação que o acometera na Ucrânia e que deixara graves sequelas. Ele logo seria seguido pelo filho mais velho, Wolfgang, morto em combate pouco antes do Natal de 1941 (De Bruyn 1992: 120). A triste notícia oficial de seu desaparecimento, entregue por um mensageiro do exército, é suplantada pela dor de ter de receber pelo correio a correspondência daquele que já partira: “Eram as cartas de um rapaz descomplicado e alegre que se sentia à vontade no Reich de Hitler e nele se desenvolvia”. O luto sincero é equilibrado pela lucidez de julgamento que via no irmão um exemplo acabado de adequação só comparável ao da própria mãe de quem ele era o filho mais próximo (De Bruyn 1992: 121). Mesmo com as mortes recentes de Wolfgang e de Carl, o Natal daquele ano foi “disciplinadamente festejado” (De Bruyn 1992: 120) como sempre havia sido. O ritual dos homens-máquina (Herf 1993: 94), com todas as etapas usuais da cerimônia na Alemanha, mais uma vez se impõe ante os sentimentos.

A crônica da guerra em *Zwischenbilanz* avança com os registros sobre os reveses e vitórias das forças armadas alemãs: os ingleses detêm o avanço de Rommel em El-Alamein, no Egito, em 1942, mas a resistência soviética em Sebastopol, na Crimeia, é finalmente vencida. Enquanto isso, o cotidiano do menino Günter na *Hitlerjugend* é descrito como um dia de terror após o outro, temperado apenas pela ousadia de certos colegas que não só se recusam a cumprir determinadas ordens, como também são capazes de gestos de afronta explícita, tanto às autoridades imediatas quanto aos símbolos da pátria (De Bruyn 1992: 111). Apesar desses momentos de surpresa e velada admiração, o cotidiano dos internatos são um desafio permanente para De Bruyn que “se esforça para se adaptar, mas esconde seu verdadeiro motivo: o medo

permanente” (De Bruyn 1992: 111). Um dia, chega a temida *Sondermeldung* (notícia extraordinária) sobre a perda definitiva de Stalingrado (atual Volgograd) em fevereiro de 1943 (De Bruyn 1992: 140). Duas semanas mais tarde, Goebbels evocava na rádio as forças da natureza para a *totaler Krieg*, para a guerra total, e De Bruyn se prepara para ser convocado aos dezessete anos.

A fingida máscara da normalidade começa a se desfazer, de um lado, com a redução da carga horária nas escolas e, de outro, com a obrigação de todas as janelas da Alemanha ostentar uma bandeira com a suástica (Wolf 1994: 141). Como a defesa da capital exigisse o maior número possível de homens junto às defesas, De Bruyn e outros companheiros de escola são designados para o *Flak* (De Bruyn 1992: 140), na verdade uma abreviação de *Flugzeugabwehrkanone*, isto é, baterias antiaéreas, mesmo sem o estágio obrigatório do *Arbeitsdienst*. Surpreendentemente, o *Flak* era uma divisão da *Luftwaffe* e não gozava de qualquer prestígio junto aos rapazes mais inflamados ou mais idealistas. As linhas de fogo, no entanto, não conseguem impedir que o edifício onde mora a mãe de De Bruyn fosse bombardeado (De Bruyn 1992: 162). Imediatamente dispensado por sete dias, o jovem recruta acorre ao local onde Jenny espera por ele. Ela, num misto de humor negro e alegria por ver o filho, pergunta-lhe “se ele ainda tinha as chaves da casa” (De Bruyn 1992: 164). Günter e a irmã Gisela tentam salvar alguns pertences e Jenny pede ao rapaz que a ajude a preencher um complicado formulário que era fornecido aos *Ausgebombten* (desabrigados por bombardeios) para que pudessem requerer “a um preço com abatimento uma barraca de dois cômodos” (De Bruyn 1992: 166). Preenchido o documento para obtenção desta graça do III Reich, De Bruyn resolve, num gesto de máxima indiferença para com a mãe, procurar a “namorada” G., com quem se correspondia. Ele não a encontra em casa, mas resolve esperar por ela lá, mal instalado na biblioteca do apartamento, a única sala onde o aquecimento não funcionava. Após a volta de G., cujo nome o autor não revela, ele esperou, por quatro dias que ela lhe dirigisse a palavra.

Nesse ínterim, Jenny recebe da repartição o formulário de volta para correções e resolve procurar pelo filho no seu posto de combate, ao que é informada pelo cabo, que ele recebera férias de sete dias e já estava fora há quatro. “As lágrimas só lhe vieram no bonde” (De Bruyn 1992: 167). Ao saber do que acontecera à *Frau* De Bruyn, a mãe de G. aconselha ao desorientado Günter a voltar rápido para junto de Jenny. Lá chegando, mas sem saber da visita de sua mãe às baterias, ele mente a ela, dizendo-lhe que só lhe tinham sido dados três dias de folga a partir daquela data e não entende a ira lacônica e contida da mãe. Apenas ao voltar para o *Flak*, ele pôde compreender o que havia acontecido, pois soube por terceiros que sua mãe havia estado ali: “Ainda me envergonho, ainda me envergonho até hoje”. Privado de experiências afetivas positivas e endurecido pelas circunstâncias, ele continua: “Eu sei, contudo, que não me seria possível lhe contar algo sobre minha paixão por G. Cada palavra dela seria para mim trivial, e mesmo um gesto seu de

compreensão ou de sentimento só me teriam magoado” (De Bruyn 1992: 172). Quem ou o que terá operado tanto egocentrismo num jovem de dezessete anos? Sua própria família, a *Hitlerjugend*, o desprezo de G. ou as baterias antiaéreas? O que terá sido mais determinante no bloqueio de seus sentimentos? O mais provável é que cada um desses fatores tenha feito sua parte. Seus olhos e ouvidos podem ter se fechado para imagens e sons de horror, mas também, para emoções de toda sorte, principalmente as ruins. Mas, como a psicologia sabe, o embotamento das emoções ruins também provoca a suspensão das emoções boas.

A fim de evitar maiores sofrimentos, seu coração se fechou para poupar De Bruyn de sofrimentos que sua sensibilidade não suportaria. Sua memória registrou as estrelas amarelas de seis pontas costuradas sobre os casacos e paletós de adultos e crianças, mas “somente anos depois, eu soube que, a partir de 1942, os judeus berlinenses tinham sido levados para a Avenida Hamburgo para, dali, serem transportados à morte que os esperava” (De Bruyn 1992: 87). A informação já inclui seu protesto? Os contatos dos De Bruyns com judeus limitavam-se às consultas eventuais no consultório do Doutor Jakoby, situado na mesma vizinhança, até a ocasião na qual dois elementos com uniforme das SA de pé em frente à casa do médico, impediram-nos de procurá-lo, o que só foi permitido devido à urgência da situação. Mais tarde, já em 1940, ao tomar conhecimento dos bombardeios alemães sobre Londres, Jenny se lembrava do clínico e expressava diante da família sua preocupação pela segurança de Jakoby, da mesma maneira que a família de Nelly Jordan em *Kindheitsmuster* de Christa Wolf demonstrou simpatia pela sorte do Doutor Leitner, de Landsberg an der Warthe, hoje em território polonês, que também imigrara a tempo (Wolf 1994: 103). Teria sido apenas este contato o que garantiu aos pais de Günter de Bruyn imunização contra o ódio? A relação com o outro, o seu reconhecimento, é uma condição necessária para o estabelecimento de uma sociedade menos autoritária e menos propensa à intolerância. A indiferença ou a ignorância foram os álibis da consciência de De Bruyn que o permitiam abordar o assunto e dele manter distância sem remorsos:

No exército, eu soube que a Waffen-SS utilizava métodos extremamente brutais na guerra. Isso era de meu conhecimento, embora eu nunca tenha tido contato com ela. Falava-se sobre isso oficiosamente com repugnância, no entanto, eu nunca ouvi falar, mesmo indiretamente, sobre extermínio de judeus (talvez pelo fato de eu nunca ter perguntado por eles). Tampouco me lembro de qualquer pensamento ou conversa sobre eles, fosse com colegas da mesma idade ou com adultos, e que tivessem ocorrido após sua deportação. Quem não tinha nenhum conhecimento pessoal entre os judeus, cedo se esquecia deles, tão logo os deixasse de ver ou, então, guardava para si o que pensava, pois demonstrar compaixão ou mesmo simpatia podia ser perigoso. (De Bruyn 1992: 244-245)

Mas se a amnésia se instalava logo após o desvio da visão, isto indica que, de alguma forma, houve oportunidade de saber e que De Bruyn pode ter repetido o mesmo comportamento que atribui a terceiros, isto é, guardando seus pensamentos para si. Nesta autobiografia, ele parece, de fato, mais disposto à sinceridade naquilo a que se propôs a falar do que falar sobre tudo (DE BRUYN 1992: 7). É este um direito que lhe cabe, mas, por vezes, sua memória ainda se intimida frente ao terror. Uma ausência de espírito deixa a cena livre para a descrição permitida dos acontecimentos externos. O eu profundo retrai-se para o espaço da reelaboração do passado que lhe parece ser menos doloroso. O personagem torna-se externo ao autor que, no entanto, narra na primeira pessoa. Momentos de maior assertividade como o que se segue são raros:

[Os soldados da tropa] não desertavam, nem se rebelavam e só tentavam a fuga quando o líder tombava. Eram todos, inclusive eu, uma grande maioria silenciosa e inoperante que nada realizava porque nada arriscava e que, entretanto, poderia ter conseguido muito, justamente por ser maioria. Mais tarde, eu me perguntei diversas vezes o que teria acontecido se um dos homens tivesse dito: Basta. (De Bruyn 1992: 231)

Com a proximidade do fim da guerra e com o conhecimento das barbaridades ouvidas durante seu período de recuperação em um hospital militar em virtude dos graves ferimentos na cabeça devidos à explosão de uma granada, De Bruyn começa a pressentir o julgamento de todos os alemães pelos aliados, mas não vincula essa corte aos crimes cometidos contra civis que pertenciam a minorias étnicas, políticas, sexuais além de deficientes mentais de qualquer ordem:

Minha busca vã pelos abismos ocultos que se escondiam sob a normalidade humana teve aqui seu início. Constatei, desesperado, que ela poderia estar ligada inocente e inexoravelmente a uma nacionalidade. Minha idéia de que esta guerra acabaria como a de 1918 se desfez completamente; eu esperava, agora, um tribunal pronto a julgar todos os alemães. (De Bruyn 1992: 245)

Estas duas reflexões de De Bruyn acenam tanto para a possibilidade de se encarar a guerra como uma operação intencional de extermínio étnico – hipótese defendida por alguns teóricos como Von Krockow (1990: 261) e Wehler (2002: 64) – assim como considerar todos os anos da Alemanha sob o regime do desconcerto absoluto como uma responsabilidade a ser compartilhada por todos (Brode 1979: 17), inclusive por aqueles que se mostravam desinformados sobre a verdade e que ainda acreditavam na inocência de Hitler – como a fazendeira dos Sudetos que um dia abrigou De Bruyn e ouviu dele a confirmação sobre todas as atrocidades cometidas dentro e fora dos arames farpados. Perplexa, ela lhe pergunta (De Bruyn 1992: 245): “Mas o *Führer* sabia alguma coisa sobre isso?”

O fim da guerra trouxe, também segundo esta autobiografia, uma mudança considerável de disposições (*Wesenswandel*; De Bruyn 1992: 246) que

corresponde a uma primeira etapa de desnazificação das mentalidades quando as tropas americanas foram recebidas como “anjos salvadores” cuja missão era “proteger o que sobrava do exército alemão do contra-ataque do exército russo” (De Bruyn 1992: 246). Como a história se encontrava em seu pleno curso, logo esta bizarra explicação seria substituída por outra, não menos extravagante, desta vez, dirigida aos soldados soviéticos que substituiriam os aliados ocidentais em determinadas regiões do norte, como também o comprovou a personagem Nelly Jordan de Christa Wolf (1994) em *Kindheitsmuster*. Um novo slogan marcou uma segunda etapa desta desnazificação psicológica que retocava a desgraça dos alemães vistos, agora, “não mais como um povo vencido, mas sim, libertado” (De Bruyn 1992: 304). Entretanto, muito cedo, as regiões orientais iriam se dar conta do alcance de sua recém adquirida “liberdade”.

3. DIANTE DOS PORTAIS DA DESESPERANÇA

A seguir, passamos à apreciação do segundo autor escolhido para o nosso artigo: Dieter Wellershoff. Apresentaremos um breve resumo de sua biografia e da obra que estamos por conhecer – *Der Ernstfall. Innenansichten des Krieges*; na seção subsequente, buscaremos as indicações da forma como o autor organiza sua crítica ao nacional-socialismo, como ele focaliza os comprometimentos de seu meio social e familiar com as novas determinações e conceitos do regime, esclarecendo como essas implicações também o afetaram.

3.1. O autor e sua obra

Dieter Wellershoff, nasceu a 3 de novembro de 1925, em Neuss, uma das cidades da Renânia dentro da conurbação do *Ruhrpott*, o vale do Ruhr, mas à margem esquerda do Reno. Logo, sua família se transferiu para Grevenbroich, uma cidade menor, não longe dali, situada pouco mais ao sul. Como representante mais velho da geração deste conjunto de seis escritores, sua juventude foi igualmente marcada pela influência do nacional-socialismo sobre os hábitos e sobre a administração. Após a obrigatória passagem pelo *Jungvolk* e pela *Hitlerjugend*, Wellershoff se alista, em 1943, aos dezoito anos. Inicialmente, é mandado para a Holanda, e, pouco depois, é destacado para uma tropa em Berlim que estava à disposição de Hermann Göring. Finalmente, é enviado para o Front leste, nos confins da Prússia Oriental, onde a guerra se mostrava mais desesperada com o contra-ataque maciço do exército soviético. Wellershoff é gravemente ferido na perna direita e, após um período de recuperação das cirurgias, é reconvoado para deter o avanço russo, desta vez, num front leste já muito recuado. Com o desmantelamento das forças alemãs, os soldados põem-se em retirada acelerada no rumo oeste, onde Wellershoff e alguns

companheiros são detidos pelo exército americano e enviados a um campo de prisioneiros. Finda a guerra, ele é liberado pelos ocupantes e refaz sua vida civil. Seus estudos de germanística e história da arte na Universidade de Bonn conduzem-no ao doutoramento com tese sobre o poeta Gottfried Benn, cuja obra completa Wellershoff editará em 1958. Seguem-se trabalhos como revisor de casas editoriais e como leitor na cadeira de Teoria Literária em universidades na Alemanha, na Áustria, na Inglaterra e nos Estados Unidos (Dötsch et al. 2003: 490).

O autor recebeu numerosas distinções, dentre elas, o Prêmio de Peças Radiofônicas (*Hörspiele*) dos Veteranos Cegos, de 1960; o Prêmio Heinrich Böll, de 1988 e o Prêmio Friedrich Hölderlin, de 2001. Suas últimas publicações abrangem vários gêneros: *Das geordnete Chaos*, ensaios, de 1992; *Der Ernstfall: Innenansichten des Krieges*, de 1995, esta autobiografia de sua juventude que apreciaremos; a novela *Zikadengeschrei*, de 1995; *Das Schimmern der Schlangenhaut*, coleção de ensaios sobre teoria literária, de 1996; *Das Kainsmal des Krieges*, textos autobiográficos de 1998; *Der Liebeswunsch*, romance de 2000; *Der verstörte Eros: Zur Literatur des Begehrens*, ensaios literários de 2001 (Arnold 2002: 12). A obra que estamos para examinar é uma longa reflexão sobre a Segunda Guerra Mundial, não tanto sobre o nacional-socialismo como intervenção sobre a vida civil, independente do conflito de proporções apocalípticas que ele provocou. Trata-se, antes, como seu próprio subtítulo já anuncia, de *Innenansichten des Krieges*, isto é, de visões internas da guerra. O título em si, *Der Ernstfall*, poderia ser traduzido em português como *A hora H*, isto é, o momento da grande provação. Assim como vimos na primeira parte, poderemos constatar que Wellershoff, assim como De Bruyn, na qualidade de autores-soldados reservam amplo espaço para a descrição da vida da caserna e das terríveis batalhas no Front. O parentesco com o *Zwischenbilanz* do escritor Günter de Bruyn é indiscutível, mas seus pontos de contraste são tão numerosos quanto suas semelhanças. Na verdade, não são páginas de descrição neutra e técnica da corrente de acontecimentos. Em cada etapa daquela sucessão de horrores, o autor da Westfália se detém para avaliar o absurdo das ordens, da arbitrariedade dos instrutores e também as profundas contradições dos sentimentos de um menino-soldado que ele deve de ter entre os dezessete e os dezenove anos de idade.

3.2. As diversas estações do horror

Já nas primeiras páginas desta autobiografia não romanceada (Wellershoff 1995: 21), o autor se pergunta que valor teriam para as outras gerações os significados que eram importantes para ele. O que representa a guerra no mundo mediatizado de hoje? O que existe além das legendas sob as imagens e comentários palavrosos dos jornalistas pagos para cobrir qualquer acontecimento? Ao ser indagado por um repórter a respeito da progressão das

brutalidades na Bósnia, nos primeiros anos da década de 1990, um jovem senhor na Alemanha referiu-se àquela sofrida região da ex-Iugoslávia de uma maneira tão indiferente e depreciativa como se ela se localizasse em outra galáxia e não a apenas seiscentos quilômetros de Munique. Indignado com este desdém, Wellershoff (1995: 21) propõe que “as experiências fundamentais que as pessoas adquirem com a história delas sejam registradas e passadas para outras”. A desgraça não pôde ser impedida e, mais uma vez, se repetiu na Europa. O mais assustador, porém, era o fato de alguns se considerarem invulneráveis às consequências e incapazes de qualquer julgamento ético, esquecendo-se, com isso, de que a guerra na antiga Iugoslávia também tinha intenções de extermínio étnico (Spiegel-Almanach 1998: 132). Isto deve ter provocado no escritor o retorno da insistente dúvida a respeito do grau de informação e capacidade crítica dos alemães mais jovens frente ao nacional-socialismo, um questionamento que, à época devida, Wellershoff não estava em condições de fazer. O autor admite que as responsabilidades pela morte de civis e soldados só se tornariam relevantes para ele muitos anos mais tarde (Wellershoff 1995: 19). Veremos, brevemente, que a tese da incapacidade de julgamento no momento histórico é advogada por outros nomes.

Em meados de 1943, quando Stalingrado já havia sido retomada pelas forças soviéticas e os exércitos alemães já não mais avançavam, Wellershoff recebe sua carta de convocação. Ele não estava mais tão persuadido a respeito das chances que a Alemanha ainda teria para reverter a situação, mas restava em seu íntimo “uma convicção patriótica diante da qual [...] nenhum argumento se impunha” (Wellershoff 1995: 22). Esta atitude não era incomum entre os oficiais da *Wehrmacht* e é possível que o pai do autor, um major reformado, tenha exercido sobre o filho uma influência decisiva. Ignorando a verdade dos fatos, o rapaz acreditava no que via e no que outros ingênuos lhe diziam. Seu primeiro encontro com a expressão “assassinato em massa” (*Massenmord*) deu-se em um contexto pouco favorável à informação. Em um artigo no jornal oficial do Ministério da Propaganda de nome *Das Reich*, assinado por um certo Schwarz van Berk (Wellershoff 1995: 49), Wellershoff lera a respeito do desenvolvimento de uma arma poderosíssima pelos físicos alemães que iria pôr fim aos “assassinatos em massa sem controle”. Todavia, ninguém lhe explicou o que se escondia por trás desta expressão (Wellershoff 1995: 52). Van Berk referia-se, na verdade, às centenas de milhares de mortes resultantes dos bombardeios aliados sobre as cidades alemãs, numa apropriação de significados de jornais estrangeiros a qual nosso autor considerou ignóbil. De qualquer forma, quem poderia falar livremente em *Massenmord* na Alemanha sabendo exatamente do que se tratava? Caso o Senhor Van Berk soubesse o que estava acontecendo, ele guardou para si.

A endemonização do inimigo não destoava das práticas semelhantes comuns a todas as guerras. No caso do III Reich (Wellershoff 1995: 54), essa desqualificação era construída em projeções sobre os soviéticos através da

difusão de crimes inomináveis que estariam sendo cometidos contra alemães nas áreas já recuperadas. É bem verdade que o contra-ataque russo foi marcado por ações extremamente violentas contra civis, sobretudo mulheres. No entanto, esta propaganda tinha por fim dirigir acusações ao antagonista que seriam muito mais apropriadas aos próprios alemães. Wellershoff formula seu raciocínio da seguinte maneira: “Enquanto Hitler imaginava as ameaças de morte que pairavam sobre o povo alemão, o genocídio dos judeus sob a rubrica ‘Solução Final’ seguia a todo vapor (*in vollem Gange*) nos campos de extermínio” (Wellershoff 1995: 54). Não obstante o valor da afirmação, Wellershoff não deixa claro quando tomou conhecimento disso. Tem-se a impressão de que todas estas informações estão ali dispostas como num livro de história, não deixando transparecer se o autor ou sua família estavam a par do que se passava. Se tomarmos um mapa de localização dos vinte e um maiores campos de concentração na Alemanha e fora dela, podemos constatar que a Renânia e o Sudoeste alemão foram poupados da presença de instalações de grande porte. As únicas unidades de dimensões consideráveis mais próximas estavam em S-Hertogenbosch, na Holanda e em Natzweiler, na Alsácia anexada. Os oito campos de extermínio situavam-se todos no leste, na Polônia ocupada (Manvell 1974: 110). Todavia, isto não quer dizer que não houvesse complexos menores, mas diabolicamente eficientes como aquele de Hadamar, entre Koblenz e Limburg, e que a população não ignorava.

Pouco mais à frente (Wellershoff 1995: 60), *Der Ernstfall* abre aos seus leitores as portas da experiência direta e histórica, quando evoca as figuras das duas meninas judias que frequentavam o mesmo grupo escolar de Wellershoff e cuja ausência havia sido notada por ele após as férias de verão. Sua mãe lhe explica, então, que a família das meninas havia emigrado para a Suíça. Isto aconteceu no “terceiro ou quarto ano escolar”, portanto, em 1935 ou 1936, quando, realmente, muitos judeus perceberam, a tempo, o perigo que os ameaçava se permanecessem no *Reich*. Wellershoff prossegue em seu relato, sem contestar a partida da família para a Suíça, um país neutro que acolheu muitos judeus, pelo menos até a Conferência de Evian (1938)² que tentou estabelecer cotas de imigração para os diversos países da Europa Ocidental não invadidos. Menos sorte teve a proprietária judia de um armarinho na pequena Grevenbroich na noite de 9 de novembro de 1938, quando as lojas e os templos judeus foram destruídos e incendiados. Wellershoff se lembra da conversa de sua mãe com uma vizinha e também da sua expressão de pesar pelo que se

² Nesta assembleia, promovida em julho de 1938 pelo presidente Franklin Roosevelt, antes pressionado pelos liberais norte-americanos, não se chegou a nenhum resultado de grande significação. Os países participantes alegaram os motivos mais absurdos para impedir uma imigração em massa para seus territórios. Este impasse só foi revisto após as notícias do *pogrom* de novembro de 1938. Mais tarde, após a capitulação da França, os nazistas pensaram em transportar todos os judeus para a ilha de Madagascar, antiga colônia francesa. (Stackelberg 2002: 214-215 e 306-307)

passara com o armarinho da Sra. Goldstein, onde ela corajosamente continuou a fazer suas compras, mesmo após a decretação do boicote a estabelecimentos judeus. Por parte de seus pais, o autor afirma nunca ter ouvido qualquer declaração antissemita (Wellershoff 1995: 61). Em contra-partida, jamais ouviu deles qualquer comentário crítico a respeito da ideologia racial, o que, segundo Wellershoff, se devia mais à falta do hábito de contra-argumentar, de debater (Wellershoff 1995: 61), o que, mais uma vez confirma as teorias sobre a inexperiência política dos alemães. A maioria preferiu permanecer silenciosa, atribuindo toda a intolerância e excessos contra cidadãos judeus às injustiças gerais da vida. Também junto a esta família, encontramos os requisitos necessários para uma conformada adequação (*Anpassung*) sem hipóteses nem atritos. Deparamos com um pai, no mínimo, contraditório e uma mãe omissa, ou pelo menos, discreta demais para exercer algum tipo de influência sobre o jovem Dieter. O major Wellershoff era um jovem oficial da reserva que havia cumprido serviço militar na artilharia naval durante a Primeira Guerra Mundial (Wellershoff 1995: 65). Com a chegada dos nazistas ao poder, ele passa a receber frequentes convites para ingressar no NSDAP. Finalmente, acaba se decidindo pelas SA “pois acreditava que os batalhões pardos seriam a tropa nuclear de um novo exército popular alemão (*Volksarmee*)”. Liquefeita esta ingenuidade ou desfaçatez, ele logo admitiria que não notara quais eram as verdadeiras atribuições desses grupos e aproveita o duro golpe de Hitler sobre as SA, em 1934, para retornar à reserva (Wellershoff 1995: 65). Embora essas tropas não tenham sido extintas, a ação se fizera necessária para conter ameaças ao Estado, segundo versão do próprio Hitler. Nessa ocasião, o *Führer* foi considerado um líder heroico “que soube prevenir, em vez de cometer um banho de sangue.” A operação ficou conhecida como a *Noite das facas longas*.³ Depois disso, o major passa a oficial de instrução junto à artilharia de defesa antiaérea (*Flak*; Wellershoff 1995: 65) na região das indústrias do Ruhr, o que o obrigava a ausentar-se por semanas de casa.

Os preparativos para a guerra, no entanto, não afetaram os ânimos da família, pelo contrário, foram recebidos como a consolidação definitiva do nacional-socialismo como partido oficial da Alemanha que, agora, “se firmava sobre a tradição honrada da nação” (Wellershoff 1995: 66), o que deve ser entendido como a obtenção da aquiescência definitiva dos poderes conservadores, isto é, das forças armadas, da elite burguesa e dos aristocratas. Tudo leva a crer que os Wellershoffs atribuíam aos nazistas uma carga de

³ Este expurgo se deu em 30 de junho de 1934, quando destacamentos das SS prenderam centenas e executaram cerca de setenta pessoas (Fischer et al. 1984: 87), a maioria, líderes das SA por traição. As ordens para eliminar seu amigo pessoal, Ernst Röhm, chefe das SA não foi decisão fácil para Hitler, mas as pressões das elites conservadoras e dos altos oficiais já se fazia sentir há tempos, pois viam nas SA um risco para o regime, não só devido a seus métodos brutais e nada discretos, mas também pelo fato de intranquilizarem o exército. (Stackelberg 2002: 162-163).

confiança que lhes embaçava os olhos para todas as medidas de cerceamento das liberdades, para o ódio racial e para a perseguição política. Não fosse a intervenção de um tio (Wellershoff 1995: 62), que viera ao oeste rever seu irmão, o pai do escritor, os Wellershoffs teriam permanecido na sua fé conveniente, convictos das boas intenções do III Reich (Wellershoff 1995: 62). Este parente viera de longe, da Alta Silésia, onde ele administrava uma área rural do governo. Ora, é sabido que boa parte dos maiores campos de concentração achavam-se no sul da Polônia (Stackelberg 2002: 311) próximos, portanto, da residência do irmão do major. A visita dele ocorreu no final do verão de 1941, quando o ataque alemão à União Soviética, a terrível operação *Barbarossa*, estava no auge. Menos crédulo em termos políticos e conhecedor dos rumos da história, o tio pergunta ao major como eles se preparavam no exército para o fim da guerra, ao que o major respondeu com extrema cautela, dado o grau de periculosidade do tema. Boatos eram ouvidos no exército, mas ele não lhes dava maior importância, pois esse tipo de comentário poderia ser mal interpretado e provocar consequências trágicas para ele. Na condição de técnico agrônomo, o tio, cujo nome o autor não nos revela, não via com bons olhos a conquista de novos espaços no leste, a princípio, por razões meramente pessoais, pois como empregado do governo, ele sabia que mais cedo ou mais tarde poderia ser transferido para alguma dessas regiões ainda mais longínquas. Contudo, outra preocupação o inquietava (Wellershoff 1995: 63). Devido à proximidade da Alta Silésia para os palcos de batalha do leste, chegaram a seus ouvidos as notícias de que “atrás do Front, comandos especiais das SS realizavam um trabalho assassino” (Wellershoff 1995: 63), o que, para ele, representava uma situação duplamente embaraçosa, pois a esposa desse tio e todos os parentes dela eram nazistas convictos (Wellershoff 1995: 63). Embora fosse o protótipo do obediente silencioso, o major defendia, ainda que muito discretamente, suas opiniões a respeito do caráter provisório, tanto da guerra quanto do nacional-socialismo e acalentava a esperança de a *Wehrmacht* assumir o governo da Alemanha tão logo as hostilidades terminassem (Wellershoff 1995: 64). Esse ponto de vista de seu pai assustava Wellershoff que jamais imaginara que pudesse haver nas forças armadas alguma dúvida e divisão a respeito da legitimidade das ações e intenções do *Führer* (Wellershoff 1995: 64). Estas eventuais decepções com a opinião política dos pais deviam embaraçar o soldado Dieter. Por ser ainda muito jovem, o autor havia se deixado seduzir pela ritualística do III Reich que impressionara até mesmo Georg Arthur Goldschmitt, um autor judeu cuja biografia *Die Absonderung*, lançada nos anos oitenta, foi lida por Wellershoff. O entusiasmo estético de Goldschmitt deixou o autor de *Der Ernstfall* estupefato e sua conclusão a respeito deste poder foi de que “a impressão estética era obviamente autônoma e exercia, independentemente de qualquer experiência, sua própria força persuasiva” (Wellershoff 1995: 66). Esta mesma capacidade de corromper garotos era observada em adultos. Ao visitar outro tio, cujo nome Wellershoff toma a

precaução de também omitir, talvez para preservar o sossego e a privacidade de sua família em Bad Honnef, perto de Bonn, ele pôde constatar o mesmo efeito ao ouvir dele a admiração pela plasticidade de um cartaz com a imagem de um soldado alemão em batalha. O fato de o tio ser escultor, tornava-o mais sensível às cores e às formas, mas, por outro lado, seu espírito recusava-se a sucumbir aos apelos estéticos e políticos que viessem dos nazistas. Recolhido em seu silêncio e descontentamento, o tio artista de Bad Honnef descartou qualquer possibilidade de reproduzir, em três dimensões, a imagem do soldado (Wellershoff 1995: 67), como lhe havia sugerido o sobrinho. Aquela ilustração era, na verdade, uma projeção que o rapaz fazia de si mesmo num futuro próximo. Apesar do número sempre crescente de famílias que recebiam os avisos de baixa de maridos, pais, filhos, irmãos e netos (Wellershoff 1995: 23), o narrador não hesita em alistar-se voluntariamente para ter a chance de escolher a arma na qual queria servir, no que, em geral, os recrutas eram atendidos (Wellershoff 1995: 24). Seu maior receio era ser convocado para a *Waffen-SS* que, a essa época, como confirma De Bruyn (1992: 142), já percorria as escolas e as unidades da *Hitlerjugend*, a fim de arregimentar candidatos. O autor não desconhecia boatos sobre as atrocidades daquela corporação (Wellershoff 1995: 25). Mal aconselhado pelo major, como poderemos comprovar mais tarde, ele se decide pela Divisão Hermann Göring, apesar de sua aversão pelo *Reichsmarschall*. Exemplo típico da complexidade intencional da estrutura hierárquica do III Reich, esta unidade de infantaria motorizada, destinada a combates, em terra pertencia à *Luftwaffe*. Na primavera de 1943, Wellershoff é primeiramente convocado para o *Arbeitsdienst*.⁴ Esta era uma etapa obrigatória anterior ao serviço militar (*Wehrdienst*; Wellershoff 1995: 26). O recruta fora designado para um quartel perto de sua residência. As semanas que precederam sua designação definitiva foram sombreadas por acontecimentos que pareciam profetizar o pesadelo dos contra-ataques aliados que estava por vir. Para escapar aos bombardeios, sua mãe e seu irmão mais novo tomam o rumo leste em direção a Alta Silésia onde deveriam se abrigar junto ao irmão do major. No caminho, porém, *Frau* Wellershoff é acometida de grave enfermidade, não resiste à operação e é sepultada em Bad Honnef. Ao voltar à sua casa em Grevenbroich, o jovem Dieter só encontra desolação: os móveis amontoados em um canto, cobertos com lençóis, dois cômodos liberados para abrigar uma família que tudo perdera em bombardeios. O pai fora chamado

⁴ O governo alemão havia criado um dispositivo para o combate ao desemprego provocado pela crise de 1930: o *Arbeitsdienst* ou serviço de trabalho. Antes, de caráter voluntário, tornou-se compulsório e perdeu suas funções civis. Na verdade formava um contingente intermediário numerosíssimo que visava a driblar as imposições de Versalhes e de outros acordos internacionais que a Alemanha assinara antes de 1934 sobre limitação de tropas e armas. A criação das SA e das SS, tropas particulares do NSDAP, seguia princípios semelhantes. (Stackelberg 2002: 224). Em termos práticos, o *Arbeitsdienst* se encaixava entre as instruções pré-militares do *Jungvolk* ou da *Hitlerjugend* e a rotina do soldado já qualificado para o combate.

para seu posto como instrutor do *Flak* (*Flugabwehrkanonen*, baterias antiaéreas; Wellershoff 1995: 65) e seu irmão de doze anos levado para um orfanato, onde ficaria até o fim da guerra (Wellershoff 1995: 28-29). Wellershoff viaja, em seguida, para a Holanda a fim de assumir seu posto. Primeiro em Utrecht, depois em Alkmaar e, finalmente, Bergen. Este engajamento se dá em novembro de 1943, logo após ele ter completado dezoito anos, ainda entusiasmado com sua entrada em serviço (Wellershoff 1995: 33). Contudo, ele não se demora na Holanda. A redesignação para o escolta “Hermann Göring”, estacionada nas cercanias de Berlim, é recebida, porém, com uma ligeira desconfiança a respeito do acerto dessa escolha (Wellershoff 1995: 33). Seu estado de espírito já era diferente daquele do início da guerra, ainda eufórico com as vitórias alemãs. Como tantos outros de sua geração, o jovem Dieter “tinha os soldados como modelos de moralidade e queria igualar-se a eles” (Wellershoff 1995: 59), pouco se importando se aquela guerra e, muito menos, se aquele governo seguia uma ideologia de ódio e de destruição. O relato de Wellershoff não se pauta, ao contrário do de De Bruyn, por uma reflexão mais aprofundada a respeito de seus sentimentos, nem sobre sua educação. Seu confronto parece ser de outra natureza. O autor nos parece mais interessado em nos descrever seu cotidiano de combatente do que proceder a uma crítica psicológica profunda. Esta escolha tem, aparentemente, vários motivos: Em primeiro lugar, pelo fato de ele não ver em sua família sinais graves de adesão à ideologia. Wellershoff tampouco diagnostica essa atitude como clara adaptação inquestionada (*Anpassung*) como o faz De Bruyn. Em terceiro lugar, suas traumáticas experiências com todos os horrores da guerra são inegavelmente relevantes. Podemos perceber que, a partir desse ponto, suas atenções vão se dividir sobre dois itens que justificam o título da obra: Por um lado, seu relato sobre as etapas da guerra, isto é, seu sofrimento no Front avançado e, depois, sua luta pela sobrevivência como prisioneiro dos aliados. Por outro, suas críticas mordazes aos absurdos do cotidiano da caserna sob a bandeira com a cruz gamada. Esta opção de confronto pode parecer frustrante, mas, na verdade, nos renderá inúmeros segredos. Já instalado em seu novo quartel, nos arredores de Berlim, Wellershoff encontra-se muito ocupado e não encontra tempo para recolher-se no luto por sua mãe, nem para preocupar-se com a dispersão de sua família. Sua tropa é constantemente solicitada para os serviços de salvamento de civis em áreas bombardeadas de Berlim. Muitas das vítimas já estavam mortas nos porões. Das casas ainda em chamas os soldados retiravam o que ainda podia se aproveitar de mobília e outros equipamentos e os traziam para o meio da rua (Wellershoff 1995: 38). Mesmo durante o dia, os ataques aliados não se interrompiam. O que os ingleses não haviam destruído à noite, era devidamente massacrado pelas toneladas de bombas que as fortalezas voadoras americanas despejavam sobre a Alemanha de manhã (Wellershoff 1995: 91). As grandes formações de B-17 praticamente não encontravam resistência da *Luftwaffe* que, há tempos, não tinha condições de proteger o

espaço aéreo alemão. “Havia pouquíssimos aviões-caças disponíveis e os poucos pilotos que ainda restavam eram insuficientemente treinados” (Wellershoff 1995: 90). As notícias sobre a guerra tinham de ser cuidadosamente retrabalhadas pelo Ministério da Propaganda (Wykes 1975: 125). A primeira ofensiva alemã contra a União Soviética, por exemplo, foi um fiasco. As terríveis imagens da “etapa da lama” (*Schlammperiode*) só foram liberadas para que a população se convencesse de que o culpado pelos insucessos fora o inverno. A investida de 1942 foi menos desastrosa, mas a ambição desmedida pelos extensos territórios do leste acabaria de vez, em fevereiro de 1943, com a perda definitiva de Stalingrado (Wellershoff 1995: 45). Uma sorte ainda pior do que a das tropas que foram rechaçadas do Volga se abateu sobre a divisão central do exército (*Heeresgruppe Mitte*) localizada na Bielo-Rússia e surpreendida pelo ataque maciço da União Soviética que deslocou para aquela região enormes contingentes liberados das batalhas ganhas contra a Finlândia, no norte, e contra a Romênia, no sul, ambas aliadas do III Reich (Wellershoff 1995: 103). O contra-ataque soviético parece ter sido cuidadosamente calculado. Durante bom tempo, Stalin não interveio em socorro da Polônia, não apenas em virtude dos tratados de não agressão que havia assinado com o *Reich*, e que vigoraram até junho de 1941, quando a URSS foi invadida. Sua estratégia era também de natureza política. Mesmo depois do início do recuo alemão sobre a Polônia, ele deixou que a resistência polonesa enfraquecesse ou, pelo menos, desgastasse ao máximo as tropas de Hitler (Wellershoff 1995: 120) para, só então, reforçar sua ação ofensiva. Para Stalin, não era vantajoso facilitar o trabalho daqueles que, no futuro, seriam seus inimigos. É conveniente lembrar que as forças armadas alemãs haviam recebido a adesão de centenas de milhares de voluntários estrangeiros, sobretudo do leste europeu, que foram aceitos em diversas unidades das SS, inclusive ex-oficiais soviéticos, o que De Bruyn testemunhou ao deparar pessoalmente com um ex-oficial da divisão Wlassow (Wellershoff 1995: 192). As SS se constituíram, então, de um exército paralelo reforçado sob um código de conduta muito diferente daquele da *Wehrmacht* tradicional (Wellershoff 1995: 120). Além disso, dentro das SS originais, o reforço trazido por ex-detentos, criminosos comuns, não foi menosprezado (Wellershoff 1995: 120). O avanço do exército soviético sobre a Divisão Central Alemã obteve um sucesso inesperado e dividiu os exércitos de Hitler em dois *Fronts* distintos e enfraquecidos, mas ainda combatentes: o da Hungria, situado na Transilvânia, e o do norte, na Lituânia. Este desenvolvimento provocou uma rápida penetração dos soviéticos ao sul da Prússia Oriental, que logo ficaria isolada do Reich em virtude do movimento em arco ascendente das forças soviéticas (Wellershoff 1995: 182 e 227). Brevemente, aquela região alemã passaria a receber víveres, munições e equipamentos exclusivamente por via marítima. Tem início, então, a fuga desesperada de civis em direção às antigas fronteiras orientais do governo central da Alemanha.

Wellershoff, ainda estacionado no quartel em Berlim, sabia que a guerra estava perdida, mas longe do fim (Wellershoff 1995: 183). Sua unidade continuava à espera da mobilização. O tempo era empregado em exaustivos treinamentos e operações de resgate de vítimas dos escombros. Os soldados se inquietavam, pois sabiam que o pesadelo coletivo da guerra em dois Fronts principais, diametralmente opostos, se repetia, como na Primeira Guerra Mundial, e que desde o desembarque dos aliados na Normandia, a situação se agravava significativamente para o III Reich. “Por que não éramos transportados para o *Front*? Por que motivo havíamos sido poupados até ali?” (Wellershoff 1995: 87) perguntavam-se os recrutas. Eles viviam no compasso de espera, e o convívio entre eles nos raros momentos ociosos era extremamente difícil. As provocações e o desânimo eram contagiosos e a propensão para comentários depreciativos sobre a condução da guerra exigia atenção e auto-disciplina redobradas, pois qualquer interpretação menos indulgente poderia levantar suspeitas de “desmoralização das forças de defesa” (*Wehrkraftzersetzung*), uma acusação sem chances de argumentação diante da corte marcial. Os julgamentos de civis e militares eram sumários e, por diversas vezes, a tropa de Wellershoff era solicitada para atuar como pelotão de fuzilamento de ex-soldados e oficiais sentenciados à morte por traição, deserção, sabotagem ou mesmo por alguma expressão infeliz no momento errado (Wellershoff 1995: 75). Os civis, como se sabe, eram guilhotinados, como uma prima de sua mãe, atuante no cuidado de órfãos de guerra e cuja correspondência com a Cruz Vermelha da Suíça fora interceptada pela Gestapo (Wellershoff 1995: 83).

Ao contrário de De Bruyn, Wellershoff não nos brinda com passagens sobre atitudes de companheiros que ousavam desafiar a estupidez dos sub-oficiais de treinamento com humor e ironia. O cotidiano da caserna era, já no início, insuportável para o autor. Desde os tempos de sua instrução no serviço de trabalho sua decepção era flagrante e sua existência se tornara um verdadeiro suplício no destacamento de Berlim. O cabo encarregado de seu grupo era capaz de vilezas e desmoralizações públicas revoltantes. Suas fantasias sádicas eram endereçadas especialmente a Wellershoff cujo ódio ele conhecia (Wellershoff 1995: 41). Sem sequer poder afastar-se do ambiente nefasto durante o Natal de 1943, nosso soldado foi obrigado a permanecer no quartel de Berlim pelo fato de não ter mais uma família para visitar (Wellershoff 1995: 41). Assim como De Bruyn, ele sabia que o desespero fazia parte do treinamento da tropa que deveria “receber a ordem de designação para o *Front* como uma libertação” (Wellershoff 1995: 96). Nesse meio tempo, nosso recruta começa a se convencer, intimamente, de que a guerra e o nacional-socialismo eram um grande engodo. Esta iluminação torna-o ainda mais retraído, solitário e cauteloso. Ele se dá conta de que o que importava, era apenas sua sobrevivência, mesmo às custas do interesse nacional” (Wellershoff 1995: 84). O

narrador começa, assim, a dividir-se, a ser, ele também, mais um *Doppelmensch* (Von Krockow 1990: 213).

Sua indignação aumentava dia a dia, principalmente quando ficava sabendo dos escândalos envolvendo a figura do comandante de seu destacamento a quem ele vira apenas uma vez. Referido como “o potentado usufruidor” (*der genussfreudige Potentat*), Göring colecionava em sua *villa* no Brandenburgo quadros confiscados de diversos museus da França, da Bélgica e da Holanda (Wellershoff 1995: 96). No topo do palácio, Wellershoff descobriu outro tesouro: No imenso sótão do edifício, o *Reichsmarschall* mandara instalar um fabuloso complexo de trens elétricos em miniatura com os quais se distraía na companhia de outros oficiais (Wellershoff 1995: 94). Após o atentado a Hitler, em julho de 1944, ele e outros aduladores logo se apressaram em visitar o *Führer* ainda chamuscado pela explosão. Primeiro a discursar, o tom da retórica de Göring assemelhava-se a uma oração (Wellershoff 1995: 109). Para compensar a insuficiência das operações da *Luftwaffe*, Göring tentava distrair a atenção geral com apelações simbólicas. O “potentado” sugeriu que a saudação militar fosse proibida em toda a *Wehrmacht* e definitivamente substituída pela saudação alemã (Wellershoff 1995: 111). Era tudo o que lhe restava para disfarçar o fracasso de seu comando e de seus projetos, como o dos aviões-caça a jato que não passaram da fase de testes (Wellershoff 1995: 224).

Finalmente chega a designação de Wellershoff para o Front leste. A viagem até os confins da Prússia Oriental torna-se penosa devido às inúmeras e longas esperas do trem no meio das ferrovias e nas estações (Wellershoff 1995: 105), um tormento de que também se queixavam os soldados nos textos de Heinrich Böll. Porém, a enervante jornada seria a parte menos cruel das provações que aguardavam o futuro escritor. Semi-enterrado nas trincheiras e separado do inimigo apenas por um rio, Wellershoff conhece o terror, as privações, o estado de vigília permanente, a chuva e o lamaçal e, para completar o quadro de desolação, a praga dos piolhos na cabeça e no resto do corpo (Wellershoff 1995: 171). Sem poder trocar de roupa, nem se lavar, ele e seus companheiros não descansavam um instante e revezavam-se, sem trégua, no gatilho da metralhadora e no controle do pente de balas. A munição escasseava e a metralhadora emperrava (Wellershoff 1995: 177). Para compensar esses reveses, já verificados em outras trincheiras próximas, os soldados eram obrigados a cruzar o rio à noite e a fazer prisioneiros (Wellershoff 1995: 162). Era esta a única maneira de garantir sua utilidade quando, privados da arma, deixavam de ser homens-máquina (Herf 1993: 85-86). Os soviéticos não lhes davam descanso e quando não atiravam, enviavam aviões-caça blindados que não desperdiçavam sua munição, mas sim despejavam sobre os soldados folhetos em alemão que deveriam desencorajá-los. A pressão psicológica era também habilmente manipulada com a instalação de enormes alto-falantes que, antes e durante as cargas dos foguetões (apelidados como “o órgão de Stalin”) ampliavam o som de valsas vienenses ou repetiam, incansavelmente, a

famigerada *Lili Marleen* (Wellershoff 1995: 152). Após duas semanas de inconcebível resistência física e psíquica, o grupo de Wellershoff é removido para uma “estação de despolhamento” (*Entlausungsstation*; Wellershoff 1995: 180).

No entanto, este repouso seria de curta duração. A missão seguinte foi ainda mais atroz, pois exigia combate em campo aberto, sem a proteção de trincheiras. Uma nova hora H, de que fala o título da obra, mas, agora, com um H realmente maiúsculo, se aproximava. A necessidade de outras táticas muito mais perigosas, como o avanço até um ponto situado a apenas duzentos e cinquenta metros do inimigo, fazia dessa operação uma verdadeira carnificina disfarçada de estratégia (Wellershoff 1995: 193). A exposição era inevitável e Wellershoff vê seus companheiros perder a vida diante de seus olhos. Tampouco ele escaparia ileso. Os estilhaços de granada que recebera na coxa direita o deixam fora de combate (Wellershoff 1995: 198). Wellershoff vê-se obrigado a bater em retirada com as forças que lhe restavam para arrastar-se até um monte de feno a setenta ou oitenta metros atrás dele. Ele consegue se movimentar até lá, mas o abrigo durou pouco tempo. Outro soldado que se escondera ali é pulverizado por um tiro de canhão ao tentar se deslocar para outro lugar. O narrador, horrorizado e entregue a si mesmo, engatinha de costas. Finalmente, alcança o transporte de emergência (Wellershoff 1995: 204). Após receber precários primeiros socorros, é embarcado em um ônibus que, por sua vez, é atacado por um avião russo. As cenas de terror se sucedem em ritmo alucinante, mas outro carro de transportes de feridos consegue alcançar o trem que parte com os soldados atingidos para um hospital situado a centenas de quilômetros dali. A viagem é outra sequência de pesadelos, entretanto, o comboio de infelizes chega, depois de dias, a seu objetivo na Alta Silésia, onde Wellershoff é, enfim, operado. Dali, ele é transportado para o sul da Baviera, onde deverá se recuperar em uma estação termal, poupada dos bombardeios aliados, de nome Bad Reichenhall (Wellershoff 1995: 212). Só então ele encontra paz suficiente para enfrentar seus lutos que, até então, haviam se acumulado sem que ele tivesse tido tempo para elaborá-los (Wellershoff 1995: 218). Assoma-lhe, então, uma tristeza profunda que lhe revela todo o absurdo da guerra (Wellershoff 1995: 221-222). As milhares de perdas de soldados treinados obrigam o III Reich a recorrer ao serviço militar antecipado dos meninos da *Hitlerjugend* a partir de dezesseis anos e de reservistas até sessenta anos. Hitler assina o decreto de convocação no final de setembro de 1944, constituindo o que ficou conhecido como *Volkssturm* (Wellershoff 1995: 216).

A pequena cidade bávara havia sido transformada em um imenso *Lazarett* (hospital militar) lotado de oficiais, suboficiais e soldados de todas as armas em recuperação. O autor também se restabelece aos poucos, e, nos passeios pela cidade, readquire confiança ao andar. Sem um agasalho suficiente para o vento cortante, ele se defende colocando suas mãos geladas nos bolsos e se preocupa também com seu cabelo crescido (Wellershoff 1995: 210), mas percebe que, ali, a

saudação alemã fora abolida. A razão retorna compulsoriamente à vida cotidiana para não obrigar os oficiais feridos a erguer continuamente o braço direito em resposta a outros militares. Com isso, a estação de recuperação transforma-se em uma ilha de ironia e bom humor. Wellershoff e seus companheiros se surpreendem, brincando de exército de Brancalione em plena praça pública, sem ser repreendidos (Wellershoff 1995: 216). A boa vontade de nosso jovem soldado leva-o a ajudar nos preparativos da festa de Natal, sem saber que esta atitude lhe custará caro. Quando a comissão de inspeção visita o hospital, ele não pode mais fingir-se de doente. Faltou-lhe a malícia que De Bruyn aprendeu a cultivar com mais habilidade. Assim, o autor é burocraticamente declarado *frontverwendungsfähig*, ou seja, capacitado para o *Front* de batalha (Wellershoff 1995: 233). Logo, ele lamentará esta ausência de espírito: “Minha decisão havia se preparado no fundo da minha consciência e se manifestado de um salto, justo no momento quando eu deveria ter agido sob os mandamentos da razão, o que me era repugnante: eu deveria ter simulado.” De certa maneira, sua reação fora idealisticamente alemã e testemunha a incapacidade de o povo de até então contestar a pressão da ordem. Contrariando seu próprio imperativo de “manter-se vivo mesmo às custas do *Reich*”, Wellershoff, mais uma vez, se submete a ele.

A esta altura, o exército soviético já havia avançado centenas de quilômetros pela Prússia Oriental e Polônia adentro e Dieter Wellershoff é enviado de volta para sua divisão original em Berlim, no início de março de 1945. O contingente alemão que ainda restava foi colhido de dúvidas e ansiedade. Devido aos sinais indubitáveis de que o final do conflito não poderia estar muito distante (Wellershoff 1995: 237), as tropas adquiriram um comportamento bem menos heroico e já pensavam em deixar tudo para trás, apesar da ordem de Hitler de resistir até o último homem. Contudo, os exércitos russos já haviam ultrapassado o rio Warthe e se aproximavam céleres do rio Oder. A notícia de que tanques russos já se achavam a menos de trinta quilômetros de uma aldeia ao norte de Berlim, para onde seu regimento fora deslocado, põe os soldados em fuga (Wellershoff 1995: 241). Civis desesperados eram deixados para trás à própria sorte. O grupo de companheiros de Wellershoff, em bicicletas, procurava manter-se unido. Experientes, eles evitavam se adiantar demais, para não serem capturados e executados por comandos de fanáticos das SS ou da polícia rural (*Feldgendarmarie*; Wellershoff 1995: 246). Por isso, a distância a ser mantida das tropas russas era apenas a mínima necessária para que todos debandassem a tempo. Entrementes, os soldados já conheciam o fato de que era melhor entregar-se aos ingleses que aos americanos (Wellershoff 1995: 248), um detalhe que mereceu comentário semelhante de De Bruyn (1992: 270) e foi experimentado pessoalmente por outros autores da literatura de resgate que também serviram na *Wehrmacht*. Sem dúvida, temiam-se abusos. Wellershoff (1995: 250) relata que um oficial alemão

desavisado se recusou a entregar aos GI's⁵ relógio e anéis, e, logo, ficou sabendo, de modo bastante doloroso, quem passara a dar as ordens na Alemanha. Após as batalhas, nas condições de absoluto terror existencial nas trincheiras, o grave ferimento na perna e a fuga desatinada para o oeste durante dias, começava, ali, mais uma estação do calvário de Wellershoff, dessa vez, pelos campos de prisioneiros de guerra, onde ele conhece o frio, a fome, a desinteria, a chuva e, mais uma vez, o repugnante lamaçal (Wellershoff 1995: 251). As passagens de um campo para outro eram feitas a pé sob sol ou sob chuva. Num deles, o autor foi pulverizado com DDT para combater outra praga de piolhos que se alastrou pelo acampamento de prisioneiros (Wellershoff 1995: 254). Em cada um desses infernos, nada a fazer, apenas muito pacientar, o que é, sabidamente, uma consequência da guerra para os derrotados. A liberação do jovem ex-soldado também se fez esperar devido às suspeitas que pesavam sobre determinadas unidades armadas do III Reich que tinham sido capturadas sem disfarce, como as SA, as SS e o destacamento de impedidos de Hermann Göring, pois era do conhecimento dos aliados que o comandante supremo da *Luftwaffe* fora também o encarregado por Hitler como coordenador geral da questão judaica.⁶

Castigado por todos esses acontecimentos, como o indivíduo maneja a sustentação de sua moral e não deixa sucumbir o mínimo de ânimo que lhe resta? Enquanto ainda se encontrava no Front, cercado pelo horror inconcebível, Wellershoff aprendera a exercer sobre si um controle mental baseado tão somente na esperança de que nada lhe aconteceria, um sentimento que foi frustrado pela granada que o atingira (Wellershoff 1995: 136): “Nós mergulhávamos numa espécie de não-existência (*Nichtsein*)”, o que, na verdade, não passava de um dispositivo psíquico de manutenção do juízo instrumental, responsável pela transformação do indivíduo num autômato. As agruras que se lhe sucederam, tiraram-no parcialmente do torpor psicológico. A prova disso foi a profunda tristeza experimentada pela perda de sua mãe e pelo luto de, no mínimo, cinco amigos (Wellershoff 1995: 161, 181, 201 e 208), todos devidamente expiados apenas na sua recuperação em Bad Reichenhall. Contudo, o embotamento, antes exercitado, foi-lhe, de novo, útil. O anúncio da morte de Hitler deixa-o indiferente, assim como a muitos alemães (Wellershoff 1995: 247).

Ao contrário de Günter de Bruyn, que encerrou seu relato com um capítulo de reconstrução pessoal e profissional, Wellershoff prefere levantar outras questões. Trata-se, agora, de resgatar não só os traumas da guerra, mas também o drama dos perseguidos. Isto fica por conta apenas de algumas poucas palavras que lhe ocorrem e conseguem dar expressão a seus sentimentos. Ao visitar um monumento aos mortos na guerra (Wellershoff

⁵ GI era uma abreviação para *General issue* e designava os soldados comuns dos EUA.

⁶ Ver *Der Spiegel*, n. 33, 2001, p. 134 e Rigg, B. M., 2002, p. 133.

1995: 268), o autor volta-se para as causas mais gerais que levaram a Alemanha à ruína:

Apesar dessa experiência arrasadora, manteve-se a idéia de que o sacrifício em massa estaria a serviço de uma universalidade mais elevada. Atrás disso, se oculta a necessidade fundamental para muitas pessoas [...] segundo a qual, os indivíduos renunciam, em tempos de crise, à sua individualidade e privacidade temendo um ameaçador sentimento de exclusão. Eles preferem tomar parte de um sentimento vital e abrangente que os permita sentir-se protegidos dentro de uma grande comunidade simbiótica de fé.

As palavras de Wellershoff são a própria síntese do nacional-socialismo e de todos os regimes que obrigam as pessoas a renunciar à sua subjetividade e a aderir a uma ideia coletiva que risca do mapa o amparo do sujeito sob a lei e os direitos individuais. Mais adiante, ele se pergunta que papel ele desempenhou nesse processo (Wellershoff 1995: 272): “De onde você partiu? O que você sabia e o que você pensava? O que você fez e que consequências isto teve?” diz ele ao repetir as perguntas de um menino suíço a ele dirigidas. “Contudo”, continua o autor, “é preciso, antes, adquirir confiança, como no princípio das sessões de análise. Provavelmente, uma geração inteira se calou porque a geração seguinte abriu o diálogo desta maneira [...]”. Então, boa parte dos recalques se deve à forma de abordagem? É mais provável que quaisquer que tenham sido as tentativas de esclarecer, elas só teriam sucesso quando as questões já tivessem sido respondidas anteriormente, isto é, quando os lutos não precisassem mais ser reprimidos e denegados. Wellershoff (1995: 279) defendia a opinião de que enquanto a disposição para aprender fosse pequena e diluída em simpósios e congressos, haveria poucas chances de mudança de mentalidade pois, para ele, “o coletivo é insano” (Wellershoff 1995: 279). Estes são os termos do confronto de Dieter Wellershoff. No último e breve parágrafo de seu livro, ele próprio se declara ainda incapaz de traduzir em palavras o que se passou do lado de dentro do arame farpado:

Uma perplexidade insuperável diante da carnificina de seis anos e de seu aspecto mais central e sinistro permanece, independente de todas as tentativas históricas, sociais e psicológicas de interpretação: as fábricas da morte dos campos de concentração alemães. Uma vez que todas as palavras a esse respeito parecem inúteis e vazias, eu encerro, aqui, este livro com os números. (Wellershoff 1995: 282)

Segue-se, então, à página 282, um *Epitaph* com o balanço geral dos mortos que vai aqui reproduzido:

A Segunda Guerra Mundial exigiu 55 milhões de mortos e 35 milhões de flagelados. O número total de judeus assassinados no genocídio através de fuzilamento ou intoxicação em câmaras de gás nos campos de concentração alemães varia entre um mínimo de cinco milhões, duzentos e noventa mil e um pouco mais de seis milhões. Durante a ditadura nacional-socialista, cerca de 7,2 milhões de pessoas estiveram prisioneiras em campos de concentração. Delas, 500.000 sobreviveram. (Wellershoff 1995: 282)

BIBLIOGRAFIA

- ARNOLD, H. L. (2002), *Kritisches Lexikon zur deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*, München, Edition text+kritik, 11-12.
- BRODE, H. (1979), *Günter Grass*. München, C.H.Beck u. text+kritik.
- DE BRUYN, G. (1994), *Zwischenbilanz: eine Jugend in Berlin*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag.
- DÖTSCH, K.; HANUSCHECK, S. (2003), *PENZentrum Deutschland: Autorenlexikon*, Wuppertal, Peter Hammer Verlag, 87-88.
- FISCHER, M. et al. (1984), *Der Nationalsozialismus. Eine Dokumentation über die zwölf dunklen Jahre deutscher Geschichte*, Bonn, Bad Godesberg, InterNationes.
- HERF, J. (1993), *O Modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no 3º Reich*, São Paulo e Campinas, Ensaio e Ed. Unicamp.
- JESSING, B.; KOEHNEN, R. (2007), *Einführung in die Neuere deutsche Literaturwissenschaft*, Stuttgart, Weimar, J.B.Metzler.
- MANVELL, R. (1974), "SS e Gestapo". *Coleção História da Segunda Guerra Mundial, Série Política em ação*, v. 3, Rio de Janeiro, Ed. Renes.
- NEUHAUS, V. (1997), „Das christliche Erbe bei Guenter Grass“. In: Arnold, H. L. (org.) (1997), *Text+kritik*, Heft 1, München, Edition text+kritik, 108-119.
- REIF, A. (1992), „Die Intellektuellen könne nur den Anforderungen genügen, die sie sich selbst stellen“. Entrevista com Günter de Bruyn, *Universitas*, 554, Stuttgart, Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 795-804.
- SPIEGEL ALMANACH`99 (1998), Hamburg, Spiegel Buchverlag, Hoffmann und Campe.
- STACKELBERG, R. (2002), *A Alemanha de Hitler: origens, interpretações e legados*, Rio de Janeiro, Imago.
- VON KROCKOW, C. (1990), *Die Deutschen in ihrem Jahrhundert 1890-1990*, Reinbeck bei Hamburg, Rowohlt.
- WEHLER, H. (2002), „Die Debatte wirkt befreiend“ (Spiegel-Gespräch), *Der Spiegel*, Hamburg, Spiegel Verlag Rudolf Augstein GmbH, 13, 61-64.
- WELLERSHOFF, D. (1995), *Der Ernstfall: Innenansichten des Krieges*. Köln, Kippenheuer & Witsch.
- WOLF, C. (1994 [1976]), *Kindheitsmuster*. München, DTV.
- WYKES, A. (1974), *Hitler*, Coleção A Segunda Guerra Mundial, série Líderes n. 2, Rio de Janeiro, Renes.